

Introdução

Este livro corresponde, no essencial, à investigação que realizei no âmbito do doutoramento em Antropologia Social e Cultural da Universidade Nova de Lisboa e que terminei em 2007. Publicar um trabalho desta natureza quase dez anos após a sua conclusão foi uma tarefa simultaneamente complexa e entusiasmante. Por um lado, obrigou a revisões intensas e cortes substanciais, bem como à leitura de materiais que não tinham sido usados aquando da primeira redação e à consulta de trabalhos que entretanto foram sendo publicados sobre temas afins.¹ Por outro, permitiu descobrir aspetos originais e olhar para detalhes que tinham passado despercebidos na primeira versão do trabalho e reforçaram a argumentação desenvolvida.

As Coisas da Casa explora um domínio ainda relativamente discreto na antropologia portuguesa – a cultura material contemporânea. Fá-lo num contexto específico, o da casa, e num campo que tem merecido muita atenção por parte das ciências sociais e das humanidades: as migrações. Mais especificamente, propõe investigar a materialidade e as práticas de consumo domésticas de famílias com uma experiência de vida comum: uma longa estada em Moçambique durante o período colonial, seguida de uma migração forçada para Portugal após a revolução de Abril de 1974. Se a definição do tema, perspetiva e contexto de análise são da minha responsabilidade, a escolha de Moçambique (e posteriormente Portugal) como terreno de investigação resultou de uma coincidência

¹ É importante referir, por exemplo, os contributos de Cláudia Castelo, Ângela Barreto Xavier ou Susana Trovão, entre outros. Internacionalmente, sublinharia o trabalho continuado de Daniel Miller, Nina-Glick-Shiller e Caroline Brettell e os contributos de Paul Basu, Kathy Burrell, Maya Povrzanovic-Frykman, Noel Salazar, Tim Ingold, Elizabeth Shove, Frank Trentman, Carole Counhingham, Heather Horst, Steven Vertovec e Ralph Grillo, entre muitos outros autores com trabalho relevante nas áreas da cultura material e migrações contemporâneas e que têm influenciado o meu trabalho de investigação.

feliz. Quando preparava o projeto, Susana Trovão e Filomena Silvano (que orientou a dissertação) convidaram-me a integrar parcialmente uma investigação² coordenada pela primeira que explorava os processos de construção e negociação identitários de múltiplos grupos com experiências de mobilidade transnacional em contexto pós-colonial. Este aspeto foi importante para a escolha dos dois grupos de famílias que foram estudados – portugueses e goeses católicos –, bem como pela adoção de uma abordagem comparativa que estruturou decisivamente o trabalho realizado. Já os critérios que presidiram à escolha das famílias – experiências de vida longas (multigeracionais) na colónia e pertença às frações melhor posicionadas na estrutura social – resultam de uma escolha minha que se justifica uma vez mais pela relativa falta de estudos existente sobre elites. O mesmo se pode dizer no que respeita ao claro privilégio atribuído ao quotidiano, às práticas regulares e às coisas *invisíveis*, dada a sua discrição, que povoam a casa.

Partilhando a perspetiva (Miller 2008) que afirma que os objetos são tanto mais eficazes no seu trabalho quanto conseguirem passar despercebidos aos olhos dos sujeitos, deu-se prioridade às coisas usadas no dia a dia e às práticas de consumo regulares. Pela mesma razão, privilegiaram-se os quotidianos das famílias e as suas rotinas domésticas, face aos acontecimentos excecionais das suas vidas (Longhurst e Savage 1996; Mackay 1997). Como o próprio termo sugere, uma abordagem centrada no quotidiano dirige a observação para os modos como os sujeitos interagem e se apropriam das coisas para estabilizar as suas vidas quotidianas (Mackay 1997), para a expressão das suas aspirações e idealizações (Clarke 2001) e para a materialização de relacionamentos e memórias (Garvey 2001; Marcoux 2001) de modo eventualmente menos consciente porque integrado nas rotinas do dia e na repetição contínua de práticas.

A investigação promove a integração dos estudos da cultura material no vasto e complexo campo das migrações contemporâneas. Explora as interseções entre os movimentos de pessoas e coisas (Basu e Coleman 2008), os modos como se constituem mutuamente (Burrell 2010; Rosales 2010) e os contributos de ambos para a discussão das estratégias de posicionamento (Bourdieu 1979), afirmação identitária (Trovão 2012) e objetificação da pertença (Rosales 2010). Parte do pressuposto de que a cultura material e as práticas de consumo proporcionam recursos para o desenvolvimento de atividades culturais e sociais (Douglas e Isherwood

² *Multi-Ethnic Portugal – Identity Processes and Strategies in National and Transnational Contexts*, financiado pela FCT, ref. 36001/99.

1979; Baudrillard 1979; Bourdieu 1979; Appadurai 1986; Miller 1987) e, nesse sentido, constituem um *setting* (Miller 2010) importante que enquadra discreta mas muito eficazmente a vida quotidiana. Pessoas e coisas coproduzem contextos, objetificam pertenças e memórias. Os objetos ajudam a estabelecer linhas de continuidade entre presente e passado, embora os impactos do movimento na materialidade não se esgotem, como veremos, no conjunto de coisas que acompanham quem migra. Assim, diria que a vantagem de uma abordagem centrada na cultura material prende-se muito com o facto de as contradições entre ganhos e perdas se tornarem evidentes na experiência e no encontro com os objetos através dos quais elas se expressam (Parrot 2012).

Em segundo lugar, a investigação privilegia o estudo da casa. Embora o estudo da cultura material transcenda o espaço doméstico, este constitui um contexto importante para o entendimento dos relacionamentos entre pessoas e coisas (Silverstone e Hirsch 1994; Gullestad 1995; Mackay 1997; Warde 1996; Miller 1997 e 2001; Clarke 2001). Significativas enquanto materializações privadas destas relações, as casas assumem especificidades no quadro dos processos migratórios. Por serem espaços menos sujeitos aos constrangimentos impostos pela ordem social de acolhimento (Rapport e Dawson 1998), as casas constituem unidades preferenciais para analisar os processos de avaliação, reorganização e reposicionamento que decorrem da migração. As casas oferecem espaço para a integração dos objetos transportados da origem (Harbottle 1996; Morley 2000; Petridou 2001), assim como para a manifestação dos sentimentos de perda que as migrações encerram (Rosales 2010 e 2014) e para a articulação e gestão das memórias e dos relacionamentos com o passado (Marcoux 2001).

O livro está organizado em quatro partes. O primeiro capítulo da primeira parte integra uma discussão detalhada da perspectiva de análise, objeto de estudo e metodologia. Nos capítulos seguintes sistematizam-se os contributos teóricos que enquadram a pesquisa. A segunda parte é composta por uma breve contextualização histórica, política e demográfica que procura dar conta de alguns dos traços fundamentais da história colonial de Moçambique, dos processos de migração e colonização e das linhas gerais que caracterizaram o processo de retorno da ex-colónia. Dada a origem das famílias integradas no estudo, atribuir-se-á uma atenção especial à caracterização dos fluxos migratórios com origem na metrópole e em Goa. Pela mesma razão, a breve contextualização do processo de repatriamento da ex-colónia assenta nas dimensões mais relevantes para o entendimento dos trajectos percorridos pelas famílias

que integram o estudo. Na terceira parte inicia-se a análise e discussão do material empírico recolhido. De âmbito mais restrito, esta unidade centra-se em dimensões que têm como elemento agregador as *casas do passado*. No primeiro capítulo procede-se à caracterização social das famílias e discutem-se as causas e os processos de migração para Moçambique. No segundo discutem-se os quotidianos das famílias, os seus posicionamentos face aos outros grupos que compõem a população e as suas redes de pertença. O terceiro capítulo corresponde à análise e discussão dos registos obtidos acerca das casas e sua cultura material. Finaliza-se esta parte com um capítulo onde se discute o seu êxodo de Moçambique. A quarta parte é dedicada à análise e discussão dos espaços domésticos *do presente* e processos de integração em Portugal no período pós-colonial. Com o objetivo de possibilitar o diálogo entre passado e presente, as casas serão observadas a partir das mesmas categorias utilizadas para analisar os discursos relativos às casas de Moçambique.

Gostaria de publicamente expressar a minha enorme gratidão a todas as famílias e informantes que participaram na investigação e que foram de uma generosidade e interesse imensos. Estou igualmente grata a Filomena Silvano pela orientação da dissertação de doutoramento e a Susana Trovão que discutiu cuidadosamente partes importantes dos conteúdos que aqui se apresentam. Agradeço, finalmente, a Karin Wall, Eugénia Rodrigues e Clara Cabral pela forma entusiástica com que acolheram este projeto e me incentivaram a terminar este longo trajeto.

Dedico este livro à minha família e, em especial, à minha filha Francisca, que acompanhou todas as fases desta investigação com muita intensidade e espírito de colaboração.